Perspectivas Históricas sobre a Guerra do Futuro

Robert F. Baumann

Copyright 1997

Pensar detidamente sobre o futuro da guerra requer que se reflita cuidadosamente sobre o seu passado. Um paradoxo? Certamente. B.H. Liddell Hart comparou as forças opostas da ciência e da história na previsão do papel dos armamentos futuros a um "cabo de guerra".[1] A marcha da ciência sugere que na próxima guerra serão empregados muitos meios novos. Em contraste, a história sugere que por sua própria natureza a guerra demonstra muitas continuidades no meio de transformações. De um modo geral, a história nos dá um sentido da trajetória da evolução da guerra.

Utilizando perspectivas históricas para o futuro, este artigo considera diversas questões básicas. Primeiro, como os futuristas do passado enquadraram seus raciocínios em termos históricos e quais os enfoques comuns que adotaram? Segundo, como os modos de abordar do passado, referentes a teorias de guerras futuras, influenciaram a maneira como pensamos hoje? E, terceiro, como as perspectivas históricas passaram a fazer parte dos debates atuais sobre as mudanças de paradigmas em estratégia e a revolução em questões militares.

Antes de tratar destes assuntos, uma breve revisão de algumas correntes de opinião intelectuais européias durante os cento e cinqüenta anos anteriores à I Guerra Mundial revela suposições emergentes sobre a modificação e o progresso que são básicos para qualquer análise sobre porque a guerra assumiu suas diversas formas. A fascinação moderna com tecnologias de ponta e seu inegável impacto sobre a guerra, muitas vezes, escondem nosso ponto de vista sobre as outras dimensões da guerra. Historiadores notaram extensamente os fatores sociais, políticos e econômicos que influenciaram a evolução do conflito. Transformações culturais e intelectuais também tiveram um papel de destaque.

Outras formas de pensar no passado sobre o futuro influenciaram as nossas teorias a respeito da guerra de tal maneira que muitas vezes as utilizamos subconscientemente. Os primeiros e principais exemplos são as nossas noções de transformação e progresso. Conforme mencionado pelo sábio J.B. Bury em *The Idea of Progress,* até a Idade Média, as culturas ocidentais geralmente aderiam a um ponto de vista estático da história. Os antigos filósofos gregos não viam o desenvolvimento progressivo como natural para a humanidade. Embora vissem a ascensão e a queda das cidades-estado e dos impérios, não distinguiam uma direção geral e, certamente, não viam nenhum melhoramento conspícuo ou inexorável no desenvolvimento da história da humanidade. Mesmo no início da época da Renascença, quando as precondições intelectuais deste ponto de vista tomavam forma, a idéia de progresso em assuntos terrenos, ainda estava por nascer.[2]

No entanto, em fins do século XVIII a fé no progresso constituía praticamente um elemento básico no conceito de todos, salvo com os pensadores ocidentais mais pessimistas. Os analistas da época baseavam esta percepção numa análise de modificações comparativamente recentes porém dramáticas, causadas por avanços científicos e tecnológicos. Descobertas gradativas no mundo da biologia, botânica, química, física e astronomia revelaram impressionantes modelos e regularidades no universo. Alguns inferiram que com o desvendamento de segredos da natureza, tendências similares pudessem controlar a humanidade. Um elemento fundamental desta revelação provou ser a constância das transformações da trajetória do desenvolvimento histórico. Muitos esperavam confiantemente um futuro mais promissor. O Marquês de Condorcet, em 1793, escrevia efusivamente a respeito da capacidade de aperfeiçoamento sem limites da humanidade, mesmo quando se encontrava sob sentença de morte e evadindo as autoridades revolucionárias na França.[3]

O pensamento contemporâneo sobre a guerra refletia o espírito do local e da época. No seu *Essai général de tactique* (Ensaio Geral da Tática), escrito em 1770, o francês Jacques Antoine Hippolyte Comte de Guibert tencionava fazer uma ciência da tática. Baseado na revisão histórica da arte da guerra professou haver estabelecido uma série de princípios duradouros sobre a tática que iria

A fascinação moderna com tecnologias de ponta e seu inegável impacto sobre a guerra, muitas vezes, escondem nosso ponto de vista sobre as outras dimensões da guerra. Historiadores notaram extensamente os fatores sociais, políticos e econômicos que influenciaram a evolução do conflito. Transformações culturais e intelectuais também tiveram um papel de destaque.

transcender as modificações das armas. Com o decorrer do tempo concluiu que os estados da antigüidade muitas vezes entendiam melhor o relacionamento entre as instituições da guerra e do estado do que os reinos da Europa contemporânea, embora tivesse esperanças para a Prússia de Frederico o Grande.[4]

Em princípios do século XIX, as interpretações européias do desenvolvimento histórico dos conhecimentos humanos, da guerra e da organização social tendiam a compartilhar uma característica singular: viam o desenrolar do progresso humano não de uma maneira perfeitamente linear mas em etapas distintas. Cada etapa representava uma transformação fundamental que se apoiava nos fundamentos deixados pelos seus predecessores.[5] Mesmo os excessos da Revolução Francesa, os horrores das Guerras Napoleônicas e a reação conservadora na Europa não abafaram a profusão otimista de novas publicações que anteviam a intrepidez de uma nova era. A guerra, como muitos acreditavam, estava atravessando um limiar histórico.

Para prever o caminho que o futuro iria tomar, os analistas que mais influenciaram as perspectivas para o século XX, tentaram utilizar a metodologia científica. Os líderes dessa tendência eram os "positivistas" e Augusto Comte. Augusto Comte pôs de lado as questões de causalidade e propósito. Acreditando que os idealistas alemães contemporâneos estavam perdendo tempo com as suas preocupações com tais problemas, concentrou a sua atenção no que poderia ser conhecido. Assim, Augusto Comte tratou de determinar as leis que governavam o desenvolvimento humano e social através da observação empírica – a pedra fundamental da metodologia positivista. Comte descreveu a história como o desenrolar inexorável de três etapas intelectuais: a teológica, a metafísica e a positivista. Esta última não se apoiava nas suas predecessoras, porém, ao invés disso, as substituía graças à sua virtude de discernimento superior. Comte denominou a aplicação da doutrina positiva aos assuntos humanos de "física social", o espírito que indiretamente permeia a teoria da moderna ciência social e os modelos de conduta da guerra.[6] Portanto, os positivistas prognosticavam que o conhecimento das leis segundo as quais as sociedades funcionavam, tornaria possível, no futuro, construir uma sociedade perfeita e mesmo por fim à guerra. Não somente o futuro estava predeterminado como a humanidade, por si mesma, poderia conscientemente torná-lo realidade.

Mesmo John Stuart Mill, o protótipo inglês do clássico liberalismo ocidental e defensor da livre expressão e livre arbítrio, não podia escapar totalmente da idéia de que certas leis realmente governavam o fluxo da história. Mill separou a história em períodos denominados orgânicos e críticos. O primeiro representava períodos de estabilidade e o segundo, períodos de ruptura e transformações. A busca da verdade era a força propulsora que impulsionava a história. De modo geral, dizia que as leis históricas orientavam as ações humanas e "a influência exercida sobre cada geração pelas gerações que a precederam torna-se cada vez mais preponderante do que outras influências."[7] Conformando a mesma lógica com fins diferentes, historiadores alemães e os primeiros filósofos nacionalistas, tais como Johann Fichte, argumentavam que o presente e o futuro eram governados pelo passado.

Fichte via o desenrolar da história na evolução da nação moderna, vendo o estado como um veículo pelo qual indivíduos politicamente conscientes asseguravam os seus destinos. Da mesma forma o filósofo alemão, Georg Friedrich Hegel via a progressão histórica como um processo dialético envolvendo destruição criativa, no qual em cada etapa eram produzidas as forças que a solapariam e sintetizariam uma nova etapa. Neste contexto, escreveu Hegel, "Liberdade não mais é do que o reconhecimento e a adoção de propósitos universais importantes, como Justiça e Direito, e a criação de uma realidade que se coaduna com eles – o estado."[8] Esta base lógica serviu como ponto de partida para boa parte do interesse de Carl von Clausewitz pelo estado e sua defesa.[9]

Nesse ambiente cultural europeu não é de surpreender que conceitos filosóficos populares se integrassem nas reflexões teóricas sobre a guerra. As obras de Henri Jomini sobre a guerra e a sua crença nos imutáveis princípios que a governam demonstram a influência positivista. Embora também fosse influenciado por preceitos científicos empíricos, Clausewitz expressava o interesse filosófico germânico com o "como sabemos o que sabemos," com a força da vontade humana e com inúmeros outros problemas. Clausewitz adaptou o método da dialética hegueliana para a sua consideração sobre a guerra. Ele

reconheceu implicitamente que a derrota arrasadora de Napoleão para o exército prussiano, em 1806, demolia a síntese militar do absolutismo de Frederico o Grande.[10] Embora cônscio das transformações, Clausewitz não previu o aperfeiçoamento da humanidade ou uma fórmula perfeita para ser soldado. Sua maneira de entender fricção – areia na engrenagem da máquina racionalista do Iluminismo perfeito – sem dúvida fez com que se mostrasse cético a respeito da influência positivista no estudo da guerra. Ainda, acreditava que os soldados podiam aperfeiçoar suas mentes através da experiência e do estudo da história e da teoria.

Uma outra perspectiva que afetou interpretações sobre transformações e sobre a guerra veio à tona em 1859 com a publicação da obra de Charles Darwin *Origin of Species.* Todas as partes teóricas da síntese de Darwin já estavam bem definidas antes de que ele tivesse escrito este livro. No entanto, ninguém as havia conectado da mesma forma como ele o fez. Quando totalmente concatenada, a teoria da evolução de Darwin ofereceu um novo paradigma para vislumbrar o mundo. Este paradigma baseava-se na teoria de que as transformações eram constantes e normais, de que a terra existia há muito mais tempo do que se supunha anteriormente e de que o mecanismo da evolução biológica era uma seleção natural. A implicação mais explosiva foi a de que os seres humanos eram produtos da evolução.[11]

As reações sobre Darwin variavam. Para alguns, ou seja para aqueles que passaram a ser denominados darwinistas sociais, "a sobrevivência do mais forte" passou a ser o princípio básico dos povos e dos países. Esta visão do mundo refletia uma noção distinta de progresso, porém dissipou o otimismo das décadas anteriores. A idéia de que conflito fazia parte integral do progresso da civilização ecoou amplamente e consolidou uma outra tendência embrionária do século XIX – o nacionalismo.

Um fenômeno relativamente recente, o nacionalismo teve suas origens num movimento cultural do final do século XVIII, que enfatizava a ascensão histórica de diversos países, conforme a sua etnia, idioma e herança. O nacionalismo, que teve seu impulso político nas Guerras Napoleônicas, tornou-se uma força social extraordinariamente forte na Europa em fins do século XIX, onde a imagem de nações como organismos vivos se fundiu com o conceito do conflito darwiniano.[12] Um magnífico exemplo é a obra *Rússia* e *Europa*, publicada em 1869 pelo teorista pan-eslavo Nikolai Danilevski, que previu uma guerra com a Alemanha para decidir se os eslavos ou os alemães seriam os senhores da Europa Central e Oriental. Com extraordinária rapidez, a nova tendência nacionalista obteve partidários entre os exércitos europeus.

Em 1870, o General russo Mikhail Skobelev observou que somente a guerra, a manifestação mais elevada da vida do estado, poderia alçar os cidadãos comodistas a serviço de um sistema de valores mais elevados.[13] Em 1911, em A Alemanha e a Próxima Guerra, o general de cavalaria reformado e publicista pan-germânico, Friedrich von Bernhardi, adotou a idéia do conflito. A guerra não somente era fundamental mas também era a expressão mais elevada da civilização.

Forças alemãs e austríacas confrontam-se na batalha de Koniggratz, julho de 1866.

Bundisarchiv

Nem todos, no entanto, interpretaram Darwin da mesma maneira. Para Herbert Spencer, a teoria evolucionária implicava que a natureza humana em si estava sujeita a modificações e portanto oferecia novas esperanças para o aperfeiçoamento da humanidade. O desenvolvimento da civilização através da seleção natural era em si natural. Ao contrário dos darwinistas sociais, Spencer sugeriu que as sociedades iriam evoluir, afastando-se do conflito em direção à harmonia e à cooperação. Uma era industrial de paz iria suplantar a era de conflitos militares.[14]

O Marxismo apresentava também outra interpretação competitiva. Embora influenciado por Comte e Hegel, Karl Marx professava os seus pontos de vista sobre o enfoque materialista – todos os eventos, mesmo os processos intelectuais, têm causas materiais ou físicas – e sobre as análises sócio-científicas. Em 1848, Marx e Friedrich Engels escreveram o Manifesto Comunista, bem como diversas outras obras sobre a formação das classes sociais e a revolução proletária.Organizaram o passado e o futuro em etapas de desenvolvimento desde as sociedades escravocratas, passando pelo feudalismo e capitalismo, até o comunismo. Marx previa a aniquilação do capitalismo, a decadência do estado e a criação de uma sociedade sem classes. O elemento propulsor da história era a luta entre

O filósofo alemão, Georg Friedrich Hegel via a progressão histórica como um processo dialético envolvendo destruição criativa, no qual em cada etapa eram produzidas as forças que a solapariam e sintetizariam uma nova etapa. Neste contexto, escreveu Hegel, "Liberdade não mais é do que o reconhecimento e a adoção de propósitos universais importantes, como Justiça e Direito, e a criação de uma realidade que se coaduna com eles – o estado."[8] Esta base lógica serviu como ponto de partida para boa parte do interesse de Carl von Clausewitz pelo estado e sua defesa.

as classes e a revolução periódica contra a ordem existente das relações econômicas na sociedade. Marx, determinista histórico, via o caminho da humanidade nessa direção como predeterminado.

Após a morte de Marx, Engels aplicou a dialética marxista à discussão da guerra. Em 1887, Engels descreveu uma futura guerra cataclísmica européia que iria destruir as sociedades burguesas e criar o clima necessário para a revolução e o triunfo das classes trabalhadoras. Vladimir Lenin adotou a visão de Engels para criar uma nova tipologia de guerra. Baseando-se em Clausewitz e Marx, Lenin escreveu *Os Princípios do Socialismo e da Guerra, 1914-1915*, um ensaio no qual asseverava que as guerras burguesas-nacionalistas que haviam predominado até 1871, subseqüentemente foram substituídas pela guerra imperialista, um aspecto distinto e inevitável do capitalismo bem estabelecido.[15] Em 1917, no livro Guerra e Revolução, Lenin previu que a I Guerra Mundial se transformaria em guerra civil e revolução internacional.

Nas vésperas da Grande Guerra muitos acreditavam que as transformações e o progresso se haviam unido à metáfora biológica para definir o relacionamento entre os estados europeus. Este ponto de vista reforçava a vontade de todos os povos do Continente para formar gigantescos exércitos e justificava virtualmente qualquer sacrifício em nome da nação.

Considerações sobre Guerra e Transformações

Na virada do século, muito antes de que Lenin tivesse chegado à sua conclusão sobre a guerra, o banqueiro polonês, Jan S. Bloch publicou uma crítica radical não marxista sobre a conduta da guerra contemporânea. Utilizando somente informações disponíveis aos soldados profissionais da sua época, Bloch afirmou que os generais europeus estavam enganados a respeito do que poderia trazer uma guerra futura. Escreveu que "… a guerra ao invés de ser uma luta corpo a corpo em que os combatentes mediriam sua superioridade física e moral, ela transformar-se-ia num impasse, em que nenhum dos exércitos seria capaz de vencer o outro, ambos manter-se-iam opostos um ao outro, ameaçando-se, porém jamais seriam capazes de lançar um ataque final e decisivo. Esta seria simplesmente a evolução natural da paz armada em maior escala … Ou seja o futuro da guerra seria – sem combate, porém com fome; sem o massacre dos contendores, porém com a bancarrota dos países e a desintegração de toda a organização social".[16]

Bloch, falhando ao avaliar o poder do nacionalismo, não esteve totalmente correto, embora tivesse discernido algumas das dimensões da guerra com notável clareza. No final houve uma decisão, mas somente a custo extraordinário e irracional, que fez cair impérios e aniquilou uma geração.

Convém notar o ponto de vista revolucionário de Bloch a respeito da guerra. Bloch soube ver que a evolução das armas havia atingido um novo limiar, que iria modificar fundamentalmente as condições na próxima grande guerra européia. Ao lado de sua habilidade como analista econômico e o seu domínio sobre a literatura profissional militar, Bloch trouxe uma perspectiva diferente ao seu exame. Seu modelo foi parcialmente função do seu ponto de vista pacifista, porém foi também parcialmente atribuível à sua percepção de que o antigo modo de pensar a respeito da guerra não podia ser reconciliado com as novas realidades.

Muitos pensadores militares nas vésperas da I Guerra Mundial também reconheceram a importância das modificações recentes, porém a maioria as interpretou diferentemente. Já em 1893, o capitão russo E.I. Martynov escreveu um estudo intitulado *Reflexões sobre a Técnica de Guerras Futuras*, no qual tentou descrever como estratégias futuras iriam orientar guerras a nível do teatro de operações. Um outro russo com visão futurista foi A.A. Neznamov, que serviu como instrutor na Academia Nicholas de Estado-Maior, de 1907 a 1912. Nezmanov encontrava-se entre os principais proponentes de uma doutrina militar unificada – uma abordagem comum para a guerra, para o exército russo.[17]

Baseando-se na sua análise da Guerra Russo-Japonesa, Nezmanov identificou quatro características essenciais que viriam a caracterizar a próxima guerra e que os futuros competentes comandantes deveriam levar em consideração:

- O papel predominante do fogo – mais letal, acurado e volumoso.

Um regimento de carros de combate da 1ª Divisão de Cavalaria move-se no sul do território iraquiano durante as 100 horas da campanha terrestre, durante a Operação *Desert Storm*. As lições colhidas nas operações nos desertos do norte da África durante a II Guerra Mundial, associadas à moderna tecnologia dos sistemas de armas, ao adestramento e à doutrina aplicada dos EUA, garantiram o domínio norte-americano no campo de batalha.

Foto: Departamento de Defesa

- O nível de qualidade inferior dos soldados recrutas.
- Os exércitos de massa.
- A complexidade sem precedentes do comando e controle.[18]

Bloch também compartilhava a maioria das previsões de Neznamov. Ambos ponderaram a questão que causou grandes debates entre generais e teóricos militares desde a guerra franco-prussiana: Haveria uma nova relação entre a tecnologia e o fator humano/moral na guerra? Ambos mantinham o ponto de vista radical que "o homem estava perdendo o controle sobre a guerra". O poder de fogo futuro iria dominar o combate e reduzir os soldados a instrumentos numa máquina vasta e incompreensível.[19] Os comandantes lutariam para controlar forças de massa aquém do alcance das comunicações.

Ao contrário de muitos dos seus predecessores, Neznamov jamais se referiu ao poder do talento nas suas obras. Quer acreditasse ou não em talento, não esperava encontrá-lo. O que ele buscava era comandantes competentes – líderes formados capazes de levar a cabo qualquer tarefa em conformidade com um plano geral de batalha. Portanto, o problema principal do exército russo não era a falta de talento, mas sim as idéias organizadas que praticamente asfixiavam qualquer preparação prática e planos de ação e substituíam linhas de ação esquematizadas por análise científica e julgamentos ardilosos.[20]

De acordo com Neznamov, a formação de um general proficiente deveria basear-se no estudo autodidático. Ele citou a proposta do Marechal de Campo Aleksandr Suvorov que um bom comandante primeiro dominava os regulamentos, depois os princípios da guerra e, finalmente, a história de guerras recentes e antigas. Se as duas primeiras idéias instilavam um sentido do que fazer e porquê, a última desenvolvia as faculdades críticas e uma apreciação da peculiaridade de qualquer situação. Um comandante tinha que criar soluções, porque todo o problema que enfrentaria em uma guerra futura necessariamente seria novo, mesmo se fosse historicamente familiar num sentido geral. Em suma, Bloch rejeitava a guerra por causa de sua futilidade intrínseca, ao passo que Neznamov planejava preparar comandantes para enfrentar futuros desafios.[21]

O problema confrontado por Bloch e Nezanmov não era diferente do problema enfrentado pelos líderes atuais. As transformações políticas e sociais que reconfiguraram as organizações militares combinavam-se com progressos tecnológicos rápidos e contínuos e aperfeiçoamentos aparentemente normais nas armas existentes, para produzir transformações discrepantes e desorientadoras no campo de batalha. Em termos marxistas quantidade tornou-se qualidade.

Mudanças de Paradigmas e Revolução em Questões Militares

A literatura atual sobre política e segurança internacional anuncia uma mudança de paradigma na política e estratégia exterior norte-americana.[22] A base para esta transformação é o colapso da União Soviética, a desintegração do bloco oriental e a dissolução da Iugoslávia. Desde 1991 os Estados Unidos ajustaram-se a um mundo sem o seu principal adversário político, ideológico e militar. As implicações são imensas e numerosas.

Uma outra perspectiva que afetou interpretações sobre transformações e sobre a guerra veio à tona em 1859 com a publicação da obra de Charles Darwin *Origin of Species*. . .Quando totalmente concatenada, a teoria da evolução de Darwin ofereceu um novo paradigma para vislumbrar o mundo. Este paradigma baseava-se na teoria de que as transformações eram constantes e normais, de que a terra existia há muito mais tempo do que se supunha anteriormente e de que o mecanismo da evolução biológica era uma seleção natural.

O que queremos dizer exatamente com uma mudança de paradigma e como a reconhecemos? Thomas Kuhn, físico e historiador, fez com que a expressão "mudança de paradigma" passasse a fazer parte do vocabulário comum, em 1962, com *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Ele atacou interpretações tradicionais de desenvolvimento científico que retratassem um processo contínuo de crescimento, onde cada novidade científica acrescentava maiores conhecimentos a uma base estabelecida. A tese de Kuhn sustentava que os progressos científicos se alternavam entre a acumulação das descobertas dentro de um dado sistema de conhecimentos e as transformações revolucionárias que solapavam a estrutura dos conhecimentos existentes, requerendo que se construísse uma nova estrutura conceitual. "Paradigmas adquirem prestígio porque têm maior sucesso do que os seus concorrentes na solução de alguns problemas, os quais o grupo de profissionais tem que reconhecer como críticos."[23]

Durante os períodos da assim denominada ciência normal, novas descobertas fluem logicamente e por sua vez apóiam o paradigma prevalecente. No entanto, Kuhn explica que "… a transição sucessiva de um paradigma para o outro, através da revolução, é o molde de desenvolvimento da ciência experimentada".[24] As revoluções científicas ocorrem porque um paradigma existente não pode acomodar novas descobertas ou teorias. "A ciência normal … muitas vezes reprime inovações fundamentais porque elas são necessariamente subversivas com relação a seus compromissos básicos."[25] Em outras palavras, as pessoas se mostram mais receptivas às novas evidências que se ajustam a pontos de vista já aceitos do que às evidências que os contradizem. Em suma, a ciência normal vislumbra uma crise quando os resultados da pesquisa não podem mais ser adaptados para coadunar-se aos moldes estabelecidos, ou seja, cada paradigma gera a própria pesquisa que eventualmente virá a destruí-lo.

Portanto, uma revolução científica deverá eclipsar o paradigma antigo para permitir o progresso da ciência. A revolução não é uma mera interpretação do paradigma existente. Pelo contrário, ela leva a um novo entendimento fundamental do conhecimento pré-existente. Assim, revelação e revolução exigem um novo paradigma.

Tendo em vista que se adotou amplamente a terminologia de Kuhn, convém reconsiderar o alcance das recentes transformações no ambiente estratégico à luz de sua concepção. O paradigma americano passou por uma transformação ou meramente por uma reinterpretação? Esta última idéia poderia estar mais próxima da verdade. Considere as seqüências lógicas. A OTAN continua conosco. Os Estados Unidos ainda procuram um mundo favorável à economia de mercado e à democracia, continuam a ter interesse em assuntos que dizem respeito ao Ocidente e mantêm forças militares extremamente capazes para proteger seus interesses no mundo pós-Guerra Fria. A perspectiva da rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética não mais distorce o ponto de vista americano no que diz respeito aos conflitos regionais ou às insurgências no Terceiro Mundo. Hoje em dia, em termos de estratégia nacional de segurança, estamos encarando o antigo paradigma pós-II Guerra Mundial de uma maneira distinta.

O mesmo se aplica à estratégia militar. Visto que as forças militares americanas não podem mais concentrar-se na antiga União Soviética, torna-se necessária uma reorientação extraordinária. Não obstante, a variedade de missões propostas para as forças dos Estados Unidos a curto prazo diferencia-se pouco daquilo que fizemos historicamente. As forças dos Estados Unidos se engajaram em conflitos de baixa intensidade e em operações de não-guerra desde a fundação da república e diversas vezes neste século. Além disso, se considerarmos o mundo de hoje em dia vemos que nada sucede sem precedentes. Conflitos nacionalistas, religiosos e étnicos realmente não são fenômenos característicos do final do século XX.

No entanto, com a consolidação da era da informação é provável que surjam alguns problemas não conhecidos. Por exemplo, um adversário determinado poderia ser capaz de idealizar muitos meios insidiosos de sabotar, desorganizar ou contaminar as vias de informações, das quais dependem o comércio nacional e global. A concorrência entre organizações econômicas multinacionais facilmente poderia assumir esta forma. Além disso, o advento da revolução nas artes militares certamente influenciaria a maneira de como seria praticada a guerra.

O historiador Michael Howard recentemente lançou

Soldados da 27ª Divisão de Infantaria Motorizada e da 3ª Divisão de Infantaria dos EUA montam guarda em um ponto de estrangulamento próximo a Totskoye, Rússia, durante o Exercício *Peacekeeper 94*.

Foto: Departamento de Defesa

uma questão fundamental: "A tecnologia poderia modificar o que até agora tem sido a essência da conduta da guerra?"[26] Muitos tentaram respoder a esta pergunta. No passado, muitos livros e artigos anunciaram o raiar de uma nova era na conduta da guerra. Caracterizada entre outras como, a Terceira Onda, a Quarta Geração ou simplesmente a mais recente revolução em questões militares, a nova era na conduta da guerra não escapou à atenção de soldados e estudiosos. A discussão geral é digna de nota no que diz respeito ao seu bom senso e à sua abundância. Talvez nenhuma geração de comentaristas militares tenha sido tão pronta a aceitar mudanças e a administrar os últimos ritos de conhecimentos convencionais a cerca da guerra.

Uma característica digna de nota nesta discussão é a periodicidade da história. Ao passo que a maioria dos observadores do século XIX a periodizou em termos de etapas progressivas dos conhecimentos da humanidade a respeito do mundo, do desenvolvimento social ou da civilização, os escritores do século XX tipicamente concentram-se em novas tecnologias e na base econômica que as produz. As novas tecnologias constituíram um ponto central do raciocínio de Liddell Hart e de Júlio Dohet. Mesmo os teoristas soviéticos que se baseavam na descrição marxista das etapas históricas descreveram o período contemporâneo – a partir da II Guerra Mundial – predominantemente em termos de mudança tecnológica. A obra *Guerra e Anti-Guerra* de Alvin e Heidi Toffler sugere que a conduta da guerra está entrando na Terceira Onda, na qual o poder será baseado na tecnologia de informação. Finalmente esperam eles, a tecnologia e a racionalidade irão reduzir o nível de violência inerente ao conflito à uma maneira equivalente a um jogo de hóquei.[27] Poderia ser que os Tofflers e outros estão deixando de ver importantes fatores de continuidade na natureza da guerra, mesmo quando apresentam fatores estimulantes que dizem respeito à futura conduta da guerra?

Sem dúvida a maneira como será conduzida a guerra futura é bastante relevante. Em 1993, o General Gordon R. Sullivan e o Coronel James Dubik sugeriram cinco tendências:

- Maior letalidade e dispersão.
- Maior volume e precisão de fogos.
- Maior integração tecnológica.
- Obtenção de maior concentração e efeito.
- Maior invisibilidade e possibilidade detecção.[28]

Os russos nas suas previsões recentemente identificaram um conjunto similar de características peculiares para a futura guerra não linear:

- Ausência de limites de espaços bem definidos.
- Combinação de operações ofensivas e defensivas.
- Crescente dependência em sistemas de informações para coordenação.
- Condução de ataques de massa por armas rádio-

Helicópteros russos Helix preparam-se para pousar no porta-aviões *USS Belleau Wood* da Marinha dos EUA, durante o exercício *Cooperation from the sea*.

Foto: Departamento de Defesa

eletrônicas à laser de alta precisão e de super freqüência, por grandes formações de helicópteros e por supressão rádio-eletrônica.[29]

Depois de um exame mais detalhado, cada uma dessas tendências demonstra significativa continuidade, ou se encontra fundamentada, na evolução da conduta da guerra desde o final do século XIX. Se nos encontramos em meio a uma revolução em questões militares, os historiadores podem apresentar fortes provas que esta já vem se desenrolando há algum tempo. Se examinarmos esta mesma progressão sob um outro ponto de vista, poderíamos mesmo afirmar que o acelerado avanço ao longo dos eixos mencionados por Sullivan e Dubik constitui uma das suposições fundamentais da maneira como consideramos a conduta da guerra. Talvez seja somente parte do nosso modelo do século XX e não realmente uma revolução. Durante os últimos dois séculos a conduta da guerra tem estado numa fase de rápida evolução e muitos novos fenômenos surgiram dessa progressão. As recentes tendências identificadas por Sullivan e Dubik e suas contrapartes russas diferem daquelas assinaladas por Bloch e Neznamov só em grau, mas não em tipo.

Problemas inerentes ao relacionamento entre transformações tecnológicas futuristas e conceitos doutrinários são bastante similares atualmente àqueles de há um século atrás. Haja vista a resposta do Exército dos Estados Unidos, na década de cinqüenta, à era nuclear. Após a II Guerra Mundial o Exército havia conservado um enfoque convencional, quando de repente, em 1956, divulgou a Divisão Pentômica. A nova divisão, compunha-se de cinco *battle groups*,* destacando-se sua mobilidade aérea e dispersão para atuar melhor num ambiente nuclear. Esta audaciosa experiência falhou, pois "a tecnologia estava em atraso em relação à doutrina e os conceitos estratégicos estavam bastante adiante das realidades táticas".[30]

Desta vez, o Exército está tentando preparar-se corajosa e adiantadamente para modificações. O futuro nos aguarda com muitas inovações inesperadas, especialmente no que diz respeito à tecnologia. Diálogos recentes descreveram que o futuro combate exigiria supremacia no uso do espectro eletromagnético, a qual "provaria ser tão crítica como a preparação do campo de batalha convencional e as operações de supremacia aérea de guerras passadas".[31] A curto prazo também vemos perspectivas da guerra cibernética, da guerra de robôs e mesmo da guerra neocortical.[32] Mais uma vez os conceitos subjacentes não são totalmente novos. A maior parte se coaduna com o preceito de 1919 de J.F.C. Fuller para atacar o sistema nervoso do inimigo.[33] O ditame para obter a supremacia do espectro eletromag-

**Battle Group* – Grupo de batalha era uma unidade aeroterrestre ou de infantaria tática e administrativa do Exército dos EUA empregada nos fins da década de 50, princípios de 60. Consistia de quatro companhias de fuzileiros e uma de morteiro, ou cinco companhias de fuzileiros. Esta unidade era maior do que um batalhão e menor do que um regimento ou brigada. –*Nota da Editoria Brasileira*

nético poderia levar a cenários escalatórios, que fazem lembrar a teoria de mobilização de 1914 ou a lógica nuclear da Guerra Fria.

Visões de novas possibilidades permitem vislumbrar o futuro porém deixam ainda mais incógnitas. Na edição de outono de 1994 de Parameters, David Jablonsky afirmou que o avanço súbito na tecnologia poderia realmente incrementar a "confusão da guerra", tendo em vista os ciclos de decisão mais condensados e a crescente integração dos níveis da guerra.[34] Teremos maiores informações do que podemos assimilar? Os inimigos encontrarão novos meios de nos enganar?

Como não podemos configurar perfeitamente a conduta e a interação humanas do futuro, a sabedoria do passado pode ser mais útil do que os críticos poderiam imaginar.[35] Ataques recentes contra Clausewitz salientam o seu descaso com referência a insurgências e conflitos étnicos no âmbito da sua estrutura trinitária baseada no estado; sua incapacidade de antever a abundância de tecnologias futuras; a sua falha de considerar o papel da cultura para determinar modos de conflito.[36] Embora essas críticas tenham algum mérito, baseiam-se numa concepção errônea da tríade de Clausewitz, cujos componentes são a violência, a oportunidade e a razão.[37] O exército, o governo e o povo são meramente os correlatos aproximados do mundo real desses três fatores. Os três fatores em si não estão ligados a nenhum contexto histórico em particular. Foram tão relevantes às Operações *Uphold Democracy* e *Desert Storm*, quanto foram para a Prússia no passado. Talvez estes três fatores sejam um conceito não linear.[38]

Caso Clausewitz estivesse vivo para argumentar, ele poderia dizer que a idéia do Estado como conhecida por Fichte, aplicar-se-ia tanto à Organização de Libertação da Palestina ou à Chechenia (que aspiravam à condição de estado) como aos Estados Unidos. Ademais, as paixões e as razões que impulsionam os estados a entrar em guerra são pouco diferentes daquelas que levantaram tribos ou grupos de insurgentes. Finalmente, um homem que comparou a guerra ao comércio não teria entendido o espectro do conflito? Qualquer que seja a característica assumida pelos conflitos – operações urbanas, ataques aéreos convencionais, combates de guerrilhas, operações psicológicas, terrorismo fortuito e mesmo operações de manutenção da paz – todos podem ser discutidos dentro das idéias de Clausewitz.

Como Sun Tzu, Clausewitz entendia intuitivamente que a história do conflito revelava uma tensão dinâmica entre forças contendedoras. Clausewitz, cujo livro *On War* freqüentemente confunde leitores americanos, baseou-se profundamente no raciocínio dialético de Hegel, que buscava verdades sintéticas através da resolução de idéias ou de forças opostas. É esta condição de oposição mútua, vista como perfeitamente natural por filósofos alemães, que caracteriza as três partes da tríade. Em vez de ambigüidade, Clausewitz via nisso flexibilidade e aplicabilidade à múltiplas realidades.

Marx professava os seus pontos de vista sobre o enfoque materialista – todos os eventos, mesmo os processos intelectuais, têm causas materiais ou físicas – e sobre as análises sócio-científicas. Em 1848, Marx e Friedrich Engels escreveram o Manifesto Comunista. . . . Organizaram o passado e o futuro em etapas de desenvolvimento desde as sociedades escravocratas, passando pelo feudalismo e capitalismo, até o comunismo. Marx previa a aniquilação do capitalismo, a decadência do estado e a criação de uma sociedade sem classes. O elemento propulsor da história era a luta entre as classes e a revolução periódica contra a ordem existente das relações econômicas na sociedade.

Clausewitz não descreveu detalhadamente como seriam combatidas as guerras do futuro, porém ele era um futurista por seu próprio mérito. Ao delinear uma teoria para pensar sobre a guerra, ele admitiu que os fundamentos básicos da tríade da guerra permaneceriam válidos durante muito tempo após sua vida.

Conforme observado recentemente pelo Tenente Coronel Poncho Diaz-Pons, antigo historiador na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, no Fort Leavenworth, Kansas, "Caso se queira ter uma opinião que vá além dos limites da caixa, é necessário saber como foi feita a caixa". Seu ponto central – e também ponto central deste artigo – é que as obras de pensadores do passado nos deixaram uma herança de estruturas intelectuais que regularmente aplicamos ao estudo das transformações e das guerras futuras. Assim, para parafrasear Liddell Hart, a "luta pela supremacia" entre a ciência e a história continua a ser um elemento dinâmico na maneira contemporânea de pensar a respeito da guerra futura. Os conceitos sobre paradigmas e revoluções, baseados em conceitos passados de história e progresso, refletem essa tensão. *MR*

REFERÊNCIAS

1. B.H. Liddell Hart, "Armaments and Their Future Use", *The Yale Review* (1930), p. 649.
2. J.B. Bury, *The Idea of Progress* (Nova York: Dover Publications, 1960), pp. 7 e 36.
3. Franklin Le Van Baumer, *Main Currents of Western Thought* (New Haven, CT: Yale University Press, 1978), p. 454.
4. Azar Gat, *The Origins of Military Thought from the Enlightenment to Clausewitz* (Oxford: Clarendon Press, 1989), pp. 44-49.
5. Frank Baumer, *Modern European Thought* (Nova York: MacMillan Publishing Co. Inc., 1977), pp. 248-49.
6. Augusto Comte, *Introduction to Positive Philosophy*, traduzido por Frederick Ferre (Nova York: The Bobbs-Merrill Co. Inc., 1970), pp. 8,13 e 28.
7. J.S. Mill, *System of Logic* (Nova York: Haper & Brothers, 1884), pp. 631-32.
8. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *The Philosophy of History*, traduzido por J. Sibree (Nova York: Dover Publications, 1959), p.59.
9. Peter Paret, *Clausewitz and the State: The Man, His Theories and His Times* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985), pp. 177-80. Paret observa que Clausewitz era menos profundo sobre o estado do que Hegel.
10. Carl von Clausewitz, *Nachrichten uberPreussen in senier grossen Katastrophe, chap.* Em Carl von Clausewitz, *Politische Schriften und Briefe*, editado por H. Rothfels (Munique: 1922), pp. 202-17, como citado em Gat, *The Origins of Military Thought*, p. 216.
11. Para debate extensivo, ver Loren Eisley, *Darwin's Century: Evolution and the Men Who Discovered It* (Garden City, NY: Anchor Books, 1958); e Gertrude Himmelfarb, *Darwin and the Darwinian Revolution* (Nova York: Dover Publications, 1962).
12. Baumer, pp. 290-91.
13. F.Geifel'der, *Vospominaniia vracha* o *M.D. Skobeleve, RussKaia starina, 55* (1887), p. 223.
14. Bury, pp. 334-39; e Baumer, p. 364.
15. Jacob Kipp, *Lenin e Clausewitz: The Militarization of Marxism, 1914-1921*, essay (Fort Leavenworth, KS: Soviet Arms Studies Office, 1985), pp. 2-5. Sobre Engels, ver W.O. Henderson, *The Life of Friedrich Engels* (Londres: 1976), vol. II, pp. 416-46.
16. Jean de Bloch, T*he Future of War*, traduzido por R.C. Long (Boston: World Peace Foudation, 1914; republicado, Fort Leavenworth, KS: Instituto de Estudos de Combate do Exército dos EUA), xvi-xvii. Para uma boa referência dos conhecimentos de Bloch, ver Jacob W. Kipp, "Soldiers and Civilization Confronting Future Wars," em *Tooling for War: Military Transformation in the Industrial Age,* editado por Stephen Chiabotti (Chicago: Imprint Publications, 1996), pp. 189-230.
17. E.I. Martynov, "Mysli o teknike budushchogo," *Voennyi sbomik, nº 5* (1893), pp. 38-39; e Bruce Menning, *Bayonets Before Bullets: The Imperial Russian Army, 1861-1914* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1992), pp. 128-29 e 176-77.
18. A.A. Neznamov, *Trebovaniia Kotorye pred'iavliaet soyremennyi boi k podgotovke (obucheniiu) nachal'nikov i mass* (St. Petersburg: 1909), p. 3.
19. Para um debate mais profundo, ver Michael Howard, "Men Against Fire: The Doctrine of the Offensive in 1914," em *Markers of Modern Strategy,* editado por Peter Paret (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1986), pp. 510-26; e Robert Baumann, "Technology versus the Moral Element: Emerging Views in the Russian Officer Corps, 1870-1904," em *New Perspectives in Modern Russian History*, editado por Robert McKean (Nova York: MacMillan Publishing Co. Inc., 1992), p. 43-64.
20. Neznamov, p. 3.
21. *Ibid.*, p. 21 e 26-27.
22. Gen Gordon R. Sullivan e Coronel James Dubik, "Land Warfare in the 21st Century," *Military Review* (setembro de 1993), pp. 13-32; QG, Departamento do Exército, *Army Focus: Force XXI* (Washington, DC: US Government Printing Office -GPO-, setembro de 1994); HQDA, *Decisive Victory: America's Power-Projection Army*, White Paper (Washington, DC: GPO, outubro de 1994). Ver também Major Norman Davis, "An Information-Based Revolution in Military Affairs," *Strategic Review* (Winter 1996), pp. 43-53.
23. Thomas Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*, 2ª edição (Chicago: University of Chicago Press, 1970), p. 23. Para meios alternativos de pensamentos sobre paradigmas de política exterior, ver David Jablonsky, *Paradigm Lost? Transitions and the Search for a New World Order* (Carlisle Barracks, PA: US Army War College Strategic Studies Institute, 1993), pp. 3-6.
24. *Ibid.*, p. 12.
25. *Ibid.*, p. 5.
26. Michael Howard, "How Much Can Technology Change Warfare," *em Two Historians in Technology and War* (Carlisle Barracks, PA: US Army War College Strategic Studies Institute, 1994), p. 9. Para um debate sobre o conceito de revolução militar, ver Geofrey Parker, "In Defense of Military Revolution," em *The Military Revolution Debate: Readings on the Military Transformation of Early Modern Europe*, editado por Clifford Rogers (Boulder, CO: Westview Press, 1995), pp. 337-65. Ver também Jeffrey Cooper, *Another View of the Revolution in Military Affairs* (Carlisle Barracks, PA: US Army War College Strategic Studies Institute, 1994).
27. Alvin e Heide Toffler, *War and Anti-War: Survival at the Dawn of the 21 st Century* (Boston: Little, Brown & Co., 1993), pp. 223-40.
28. Sullivan e Dubik, pp. 22-30. Os autores são precavidos ao observar continuidades na evolução da guerra, bem como mudanças impraticáveis.
29. Escritório de Estudos Militares Estrangeiros do Exército dos EUA (FMSO), *The Nonlinear Nature of Future War: A Soviet Commonwealth View*, Issue Paper No. 5 (Fort Leavenworth, KS: FMSO, 1992), pp. 8-9.
30. Robert Doughty, *The Evolution of US Army Tactical Doctrine, 1946-76,* Leavenworth Paper No. 1 (Fort Leavenworth, KS: Combat Studies Institute, 1979), p. 19.
31. Gary Griffin, "Future Foes, Future Fights," *Military Review* (novembro de 1994), p. 57.
32. Richard Szafranski, "Neocortical Warfare? The Acme of Skill," *Military Review* (novembro de 1994), pp. 41-55.
33. Christopher Bellamy, *The Evolution of Modern Land Warfare* (Nova York: Routledge, 1990), pp. 242-43.
34. David Jablonsky, "US Military Doctrine and the Revolution in Military Affairs," *Parameters* (Autumn 1994), pp. 24-26. Ver também Barry D. Watts, *Clausewitz Friction and Future War,* McNair Paper No. 52 (Washington, DC: National Defense University, 1996).
35. Para uma excelente crítica sobre modelos de relações exteriores, ver John Gaddis, "International Relations Theories and the End of the Cold War," I*nternational Security* (Winter 1992-1993), pp. 27-31; e Michael Mazarr, *The Revolution in Military Affairs: A Framework for Defense Planning* (Carlisle Barracks*, PA: US Army Strategic Studies Institute, 1994), p. 7.*
36. Steven Metz, "Um Velório para Clausewitz:Rumo a uma Filosofia de Guerra para o Século XXI" *Military Review* (2º Trimestre de 1995), p. 40; Kenneth McKenzie Jr., "Elegant Irrelevance: Fourth Generation Warfare," *Parameters* (Autumn 1993), pp. 3-12; Martin Van Creveld, *The Transformation of War* (Nova York: Free Press, 1991); e William Lind et al., "The Changing Face of War. Into the Fourth generation," *Military Review* (outubro de 1989), pp. 2-11. Para um bom debate de Clausewitz que procura clarificar alguns lapsos, ver Christopher Bassford, *Clausewitz in English: The Reception of Clausewitz in Britain and America, 1815-1945* (Oxford: Oxford University Press, 1994), pp. 24-30.
37. O crédito pertence ao Dr. Richard Swain, Escola de Estudos Militares Avançados do Exército dos EUA, Fort Leavenworth, Kansas, por me esclarecer a grande difusão dessa percepção errônea. Para respostas aos ataques à tríade, ver Edward Villacres e Christopher Bassford, "Reclaming the Clausewitzian Trinity," *Parameters* (Autumn 1995), pp. 9-19; e Antulio Echevarria II, "A Wake for Clausewitz? Not Yet!," *Special Warfare* (agosto de 1996), pp. 30-35.
38. Alan Beyerchin, "Clausewitz, Nonlinearity and the Unpredictability of War," *International Security* (Winter 1992-93), pp. 68-70.

Robert F. Baumann é historiador do Instituto de Estudos de Combate, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, em Fort Leavenworth, Kansas. Possui o curso de bacharelado pela Dartmouth College *e os de mestrado e doutorado pela Universidade de Yale. Especialista em história militar russa, foi pesquisador residente na Universidade de Moscou, de 1979 a 1980, e lecionou história na* Kansas State University, *de 1983 a 1984. No outono de 1992, foi professor visitante na Universidade Estadual de Bashkir, Ufa, Rússia. É autor do trabalho intitulado* Russian-Soviet Unconventional Wars in the Caucasus, Central Asia and Afghanistan*: 1801-1989 (Guerras Não Convencionais Russo-Soviéticas no Cáucaso, Ásia Central e Afeganistão: 1801-1989), publicado em 1993. Seu artigo* The Race to the Dnieper River*, foi publicado na edição em inglês de setembro de 1993, da* Military Review.